

A NOIVA ROUBADA, DE JUAN CARLOS ONETTI: ENTRELAÇAMENTO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Tanira Rodrigues Soares
Unilasalle – Canoas (RS)
tanira_soares@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo trata-se de uma análise do conto *A noiva roubada*, de Juan Carlos Onetti (Montevideu, 1909 – Madri, 1994), considerando a narrativa sob a perspectiva memorial e a construção de dois polos que marcam a circulação dos personagens durante o desenvolvimento do enredo. Cabe salientar que este estudo não pretende abordar os elementos representativos da escrita onettiana, nem adentrar na seara do debate sobre sua produção literária e fases; busca-se de forma objetiva analisar o conto e suas nuances memoriais, com base em teóricos que abordam os estudos da memória, tais como: Bernd (2013), Pollak (1992) e Halbwachs (1990). A memória é o fio condutor da narrativa permitindo que o leitor vislumbre o universo onettiano, descortinando possibilidades, interpretações e interações múltiplas.

Palavras-chave: Literatura. Conto. memória individual e coletiva.

THE STOLEN BRIDE BY JUAN CARLOS ONETTI: THE INTERTWINING OF INDIVIDUAL AND COLLECTIVE MEMORIES

Abstract: This article is an analysis of the short story *The Stolen Bride*, by Juan Carlos Onetti (Montevideo, 1909 - Madrid, 1994), considering the narrative under the memorial perspective and the construction of two poles that mark the movements of the characters during the development of the plot. It should be noted that this study does not intend to address the representative elements of Onettian writing or to delve into a discussion about his literary production and phases; it seeks to objectively analyze the short story and its memorial nuances, based on authors in the field of memory studies, such as Bernd (2013), Pollak (1992) and Halbwachs (1990) . Memory is the thread of the narrative allowing the reader to glimpse Onetti's universe, revealing possibilities, interpretations and multiple interactions.

Keywords: Literature. short story. individual and collective memory.

A narrativa do conto *A noiva roubada*, inicia situando o ambiente, isto é, o lugar, Santa María, e a atmosfera dos habitantes deste cenário, onde tudo parecia calmo, no entanto o escritor situa o leitor entre dois polos neste contexto de calma, o polo terra, onde a existência é materializada, e o polo céu, em que ilusões e ideias se manifestam. É neste jogo dialético entre os referidos polos (concretude e imaginação) que os habitantes de Santa María irão viver e conviver.

A cidade de Santa María está presente nos escritos de Onetti de forma marcante e como um lugar criado sob medida para suas produções literárias. Para Onetti “Santa María é não só uma destilação como um mapa do tempo e do espaço. Tem a morosidade do tempo fóssil das cidades de província, o ritmo pesado em que transcorrem as águas turvas do rio e em que se sucedem as visitas da lancha, a majestade solene e um pouco austera dos ciclos agrários” (MOLINA, 2006, p. 14). A Santa María de Onetti é imaginária e real, conferindo ao leitor a duplicidade de poder imaginar e também concretizar as paisagens presentes nos contos e romances deste escritor.

A escolha do outono como período para a narrativa tem ligação direta com os elementos constitutivos dessa estação do ano, pois é nela que a intensidade do sol diminui, os dias se transformam em paisagens melancólicas, as folhas das árvores ficam amarelas e caem, mas também é uma estação que prenuncia a mudança radical de temperatura, isto é, do calor para o frio. É neste ambiente que o narrador vai situar o leitor e destacar que nada acontecia em Santa María “[...] a não ser a doçura brilhante de um sol moribundo, pontual, lentamente apagado” (ONETTI, 2006, p. 287), e havia chegado a hora de uma grande transformação.

Também é importante destacar que o narrador inicia o conto se reportando a um passado, pois o verbo “era” situa este tempo, permitindo que haja por parte dos leitores uma definição clara de que aquele tempo já passou e o escritor está rememorando aspectos de um tempo e espaço que não podem ser recriados na sua totalidade, e sim expostos de forma fragmentada, considerando os aspectos seletivos da memória.

Outro elemento a ser destacado e considerado é o estilo da narrativa, pois há que se ressaltar o fato de já no início do conto o escritor integrar-se aos aspectos a serem desenvolvidos, pois quando menciona “[...] naquele outono que padei em Santa María” (ONETTI, 2006, p. 287) está deixando claro as linhas que direcionarão a estrutura do conto. Ao narrar suas memórias individuais, o narrador, aliando seu

texto à memória coletiva dos santa-marienses, sentindo-se parte integrante deste grande mosaico memorial e, ao mesmo tempo, confere brilho e destaque aos acontecimentos específicos ligados à sua rememoração. Para rememorar, o escritor faz uso dos vestígios memoriais e inicia a reconstrução da trajetória de vida de Moncha, intercalando-a com a sua existência. São vestígios recuperados, reinventados e reestruturados através de um processo não-linear do pensamento

“Entre memória e esquecimento, o que sobram são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. [...] sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrazar e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é” (BERND, 2013, p. 53).

Onetti direciona sua narrativa a partir de impressões e interpretações deste passado, registrando em forma de carta a memória revisitada. Isto significa que ao confrontar-se com fatos, lugares e pessoas deste passado, o escritor poderá relembra aspectos irrelevantes aos demais integrantes do grupo social, mas que, para ele, tiveram uma significação muito especial.

Cabe ressaltar que a forma encontrada pelo escritor para narrar os caminhos percorridos por ele e Moncha foi no formato de uma carta, que teria escrito para Moncha contando-lhe todas as angústias, medos, desesperos, esperanças, amor, ódio, loucura e sanidade vivenciados por ele e pela personagem principal.

O formato epistolar de sua escrita serve para libertar seus vestígios memoriais e transforma o enredo em uma narrativa que mescla os elementos constitutivos da memória, como bem destacou Pollak (1992), ou seja, os acontecimentos, os lugares e as pessoas ou personagens.

Os acontecimentos, no conto, giram em torno do narrador e da personagem Moncha, além daqueles vivenciados pelas pessoas que conviveram em Santa María no período narrado. O lugar fica muito bem evidenciado desde o início da história até o final, pois Santa María é o palco dos acontecimentos; já as pessoas ou personagens são materializados no narrador, em Moncha e nas demais pessoas que estão convivendo com as intensidades e melancolias que acometem a população santa-mariense.

A carta, para o narrador, pode ser lida por todos, mas a única destinatária é Moncha, uma vez que ao escrevê-la ele estará praticando um ato individual que

resultará na reconstrução de um passado, a ser constituído a partir do ato de escavar e revirar as lembranças e os esquecimentos para, então, compor a narrativa.

Quando o narrador menciona a imortalidade de Moncha, está referendando o registro escrito, pois a personagem está morta e o que permanecerá será sua narrativa, imortalizando-a. Moncha se caracteriza por ser uma personagem que, como os demais habitantes, oscilava entre os polos céu e terra, e poderá ser acessada, revisitada e reinterpretada, possibilitando, também, a reescritura de sua trajetória de vida a partir da imortalidade conferida pela carta.

Descrever a linha existencial de Moncha tem um significado singular para o narrador, pois a personagem inicia sua trajetória a partir da morte e não do seu nascimento. O período que viveu servirá, ao escritor, como subsídios para que sua memória recontar e immortalize a Moncha de Santa María, que acaba de morrer para a vida, mas ganha imortalidade com a escrita da carta e conseqüente registro literário.

Após a morte, Moncha adquire ares de bondade e suavidade em contraste com sua personalidade que, em vida, era grotesca e dolorosa. Estes elementos se integram ao ambiente, a estação outonal, período em que Moncha faleceu e a carta foi escrita, demonstrando a habilidade do narrador em situar as transformações ambientais em sintonia com as existenciais, permitindo que os dois polos se configurem em uma junção promotora de mudanças.

A justificativa evidenciada pelo narrador para escrever a carta encontra respaldo na sua posição de pessoa obcecada e enfeitiçada por Moncha, mas que, juntamente com os demais santa-marienses, fizeram-se indiferentes aos sofrimentos e atitudes da protagonista. O narrador destaca que deixará de usar o *eu* para perder-se no *nós*, constituindo a dialética que permeia a memória individual e a coletiva, pois ele partirá da sua intuição sensível, como destacou Halbwachs (1990), para integrar-se ao *nós*, memória coletiva.

Halbwachs (1990) enfatiza que o recordar não ocorre de maneira unilateral, mas a partir de relações recíprocas entre o individual e o coletivo. Para lembrar é necessário haver uma identificação com um grupo social, de modo que os indivíduos integrantes desse grupo carreguem consigo informações e peculiaridades únicas, entendidas como intuição sensível, para dialogarem com as demais informações presentes e comuns a todos. Nesta relação, cada indivíduo apresenta percepções, ângulo de visão e sentimentos presentes naquele momento,

enfim, disponibiliza ao grupo suas informações e estas encontram reciprocidade e identificação nos demais membros.

A presença desta intuição sensível desabrocha no decorrer do conto, mostrando a habilidade do narrador de, através de um recorte motivado pelo gosto pessoal, realizar uma análise da comunidade santa-mariense considerando seus aspectos sombrios e defeituosos, iluminando situações peculiares desta sociedade. Ao mencionar que Moncha havia retornado a Santa María, após um período na Europa, e que estava acometida de loucura, o narrador menciona que este fato

“[...] não tocava os templos, a paz das casas santa-marienses, especialmente a paz noturna das tertúlias, as horas perfeitas de paz, digestão e hipnotismo diante do mundo absurdamente letárgico, da imbecilidade crassa e jubilosamente compartilhada que piscava e falava gaguejando nos aparelhos de televisão” (ONETTI, 2006, p. 291).

Ao incluir estas afirmações sobre a sociedade onde circulavam e conviviam enquanto sujeitos sociais e culturais, o narrador evidencia sua percepção aguçada da realidade, permitindo que o leitor visualize o cenário vivenciado pelos santa-marienses e, principalmente, constate o quanto a presença de Moncha e de suas peculiaridades são absorvidas e desconsideradas pelos moradores. É através deste recorte memorial que o narrador expõe suas percepções individuais dentro de um contexto coletivo, fazendo uso da intuição sensível “[...] e nós a salvo, com licença da ignorância e do esquecimento, nós, Santa María toda” (ONETTI, 2006, p. 291).

Por ser um conto escrito a partir da memória revisitada, o narrador circula com uma variedade de informações e não se observa uma continuidade linear, ao contrário, apresentam-se interrupções e abordagens fragmentadas, elementos característicos da memória e também relacionados ao estilo literário do autor, pois “[...] a maneira de Onetti tratar o tempo [...] ignora toda a linearidade e desordena essa aparência de quietude numa pluralidade de presentes, passados e futuros que terminam por existir simultaneamente” (MOLINA, 2006, p. 15).

A estrutura da escrita do conto considerando os dois polos (terra e céu), também é perceptível no momento em que os habitantes de Santa María, situados no polo terra, passam a integrar-se e agir performaticamente no polo céu, contribuindo para a construção de uma realidade imaginada e louca de Moncha. Cabe salientar que Moncha, num primeiro momento, habitava o polo terra, pois suas

atitudes de ir para a Europa, situavam-na na esfera da concretude e da materialidade; já no momento de seu regresso, passa a habitar o polo céu e, embora circule na terra, suas atitudes e formas de viver estão pautadas em uma imaginação elevada ao máximo de intensidade, que se transforma em loucura.

Ao confrontar e narrar as transformações envolvendo a vida de Moncha, Onetti também faz o mesmo com Santa María, que se caracterizava pela calma, mas no outono, podem ser observadas grandes mudanças e alterações envolvendo a estrutura física e as pessoas que habitam este local.

“Porque, voltamos a insistir, assim com certa vez Moncha voltou do falanstério, bateu em Santa María e foi para a Europa, agora chegava da Europa para baixar na Capital e voltar para nós e ficar, conviver nesta Santa María que, como alguém já disse, não é mais a mesma” (ONETTI, 2006, p. 300).

É possível perceber que ao situar Moncha vivendo no polo céu, após seu retorno da Europa, promove uma crítica à sociedade santa-mariense que busca no exterior, em outros países da Europa, os ideais de vida e intelectualidade, negando muitas vezes os aspectos originários do cotidiano. Com esta abordagem, Onetti destaca o quanto a imaginação de Moncha e seus impulsos relacionados à loucura também têm ligação com o cotidiano da sociedade santa-mariense, no momento em que a cidade se expande e se desenvolve, acompanhando o processo de modernização.

“Dentro da cidade que a cada dia levantava uma parede, tão superior e alheia a nós – os velhos -, de cimento e de vidro, empenhávamos-nos em negar o tempo, em fingir, em acreditar na existência estática daquela Santa María que vimos, na qual passeamos; e Moncha nos bastou” (ONETTI, 2006, p. 300).

Estas transformações são vivenciadas pelos habitantes mais antigos, os notáveis, conforme menciona o narrador, como algo que foge do seu alcance, suas aspirações e determinações e, por isso, passa a integrar o mundo da imaginação, do saudosismo e da idealização. Assim como Moncha adota o polo céu como seu mundo de vivência, os notáveis de Santa María também o adotam como forma de viver, ao se referirem que tudo que era antigo, era diferente e, quem sabe, melhor.

Esta complexidade de interpretação e a presença da ficção dentro da ficção caracterizam-se como singularidades da escrita de Onetti, conferindo uma dimensão

real e imaginária, como no conto *A noiva roubada*. É a melancolia do outono presente nos sentimentos dos moradores de Santa María, sendo revelada a partir da memória do narrador em uma carta destinada a uma morta. A memória é o fio condutor da narrativa permitindo que o leitor vislumbre o universo onettiano, descortinando possibilidades, interpretações e interações múltiplas.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LUCENA, Karina de Castilhos. **Um retrato do escritor quando jovem**: os anos iniciais de Juan Carlos Onetti. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2012.

MOLINA, Antonio Muñoz. Sonhos realizados – um convite aos contos de Juan Carlos Onetti. In: ONETTI, Juan Carlos. **47 contos**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 7-20.

ONETTI, Juan Carlos. **47 contos**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.